

JAMBO

Samuel Lucena de Medeiros¹

Contarei uma parte triste de minha história, ainda que para muitos não tenha importância alguma.

Não costumo sair de casa, o máximo que faço é sair para jogar o lixo no coletor de minha rua e ir trabalhar, claro. Moro num condomínio fechado, lembro-me de estar correndo naqueles corredores de piso antiderrapante, quando ainda tinha 10 anos. Ainda não morava nele, apenas visitava a casa de minha tia que era moradora, nas férias escolares. Era uma alegria só, desviava dos bancos de madeira que ficavam encostados às paredes das casas, para que não viesse a cair do patinete ou bicicleta.

Agora, quando já tenho meus 30 anos, vem-me uma mistura de memórias e emoções, algumas eu nem me lembro mais, mas a essência de vivenciá-las há muitos anos atrás ainda continua a mesma.

Há alguns dias atrás, enquanto terminava o relatório semanal da empresa na qual trabalho, fiquei incomodada com um barulho alto que vinha da área interna do condomínio, onde aconteciam as atividades de lazer. Estava terminando de escrever uma palavra grande, daquelas que chegam próximo a “anticonstitucionalíssimamente”, mas a caneta acabou escorregando demais no papel, com a brecada que veio de fora. Parecia uma espécie de serra dentada, alguém cortando azulejos para uma reforma que aconteceria no feriado.

Com a cabeça de fora da janela de meu quarto, no segundo andar, observei com atenção que aquela área estava quase exatamente igual àquela em que brinquei 20 anos antes. A cor dos canteiros de flores, verde, o chão de concreto com seixos à mostra, a piscina com os mesmos ladrilhos e cadeiras de plástico ao redor. Não sei o porquê, mas tive a vontade de deixar tudo, meu trabalho, minha televisão, que estava quase sempre ligada, e ficar ali,

¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica - NIPAAM, da Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista em IC na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Colaborador e autor no Jornal Cultural Folha do Poeta desde 2012.

relembrando as aventuras que vivi e compartilhei com outros amigos, hoje adultos como eu. Fiquei divagando, enquanto olhava para o fundo da piscina, de um azul escuro, quando levei um grande susto. Aquele barulho ensurdecedor de serra veio em cheio aos meus ouvidos. Como primeira reação, tampei-os com as mãos, procurando a direção de onde vinha o som alto.

Desta vez me enganei ao pensar que era o cortador de azulejos. Procurei com os olhos, passando pelos canteiros, pelas árvores... Não, não poderia ser... Por que estavam derrubando o jambeiro? Olhei com atenção e percebi que não era a primeira árvore que era derrubada, o abacateiro já o fora mais cedo, talvez quando eu ainda estava no trabalho. O barulho parou e tirei a mão do ouvido, mas quando recomeçou, não suportei mais o barulho e a situação, era desconfortável demais.

Entrei, fechei a janela, fazendo bastante barulho de propósito. Saí do quarto e desci as escadas correndo, procurando logo a chave que abria a porta externa e a grade de proteção. De novo aquele barulho insuportável, apressei-me em girar a chave na porta. Ao abri-la, foquei no rosto do senhor que segurava uma espécie de motosserra. Aproximei-me o mais rápido que pude dele, transpondo os 50 metros em mais ou menos 10 segundos. Aproveitei que havia parado a máquina para falar:

-Com licença senhor, o que está fazendo?

-Cortando essa árvore aqui, antes que escureça.

-Quem foi que contratou o senhor?

-Ah, foi a dona Maria, a síndica do condomínio. Disse que precisava cortar umas árvores, que ia fazer umas mudanças.

-Hum, entendo- falei impaciente.

-Agora me dê licença que eu preciso continuar o meu serviço.

-Mas senhor, o abacateiro já não foi cortado? Por que tirar o jambeiro, que no mês passado deu fruto pra todo mundo?

-São ordens que eu recebi de dona Maria, a senhora converse com ela, que me pagou pra fazer o serviço.

-Desculpe, mas não consigo entender o motivo para cortar essas árvores. Além de nos darem sombra, davam os frutos. Onde ela está com a cabeça? – exclamei.

-Ah senhora, eu não sei. Ela só me explicou que o abacateiro tinha morrido e que as raízes tinham quebrado o piso ao redor. Como ela quer fazer uma reforma, melhor era tirar mesmo. Agora, o jambeiro eu não entendi também – falou o homem, coçando a cabeça.

-O que é isso? Não existe mais democracia nesse mundo? – falei, indo em direção a minha casa e deixando o senhor meio sem jeito, que ficou olhando pro chão.

Depois de ter entrado, fechado a porta, e subido ao meu quarto, tentei voltar a terminar o relatório, o que não aconteceu. Eu simplesmente não podia ignorar o fato de que aquela árvore, uma espécie de monumento da minha infância, estivesse vindo abaixo. Será que eu era a única pessoa que se importava? Onde estava o espírito dos moradores? Aquilo começou a me incomodar tanto que, de uma vez por todas, decidi que não sairia mais para a área interna, também me recusaria a pagar a taxa de serviços e lazer. Afinal, que lazer eu teria agora? Eu não poderia estender o braço para fora da casa que ele seria torrado pelo sol, agora que não teríamos mais a sombra. E a beleza do condomínio? Desapareceu.

As horas passaram e o relatório ficou em segundo plano. Na hora de dormir o sono desapareceu. O que restou foi fazer alguma coisa que viesse me consolar da perda daquele jambeiro, um pedaço de tora agora. Recolhi o maior número de folhas em branco que consegui encontrar por sobre a minha mesa, e resolvi que registraria minhas memórias, aquelas que estavam relacionadas ao jambeiro, uma espécie de homenagem póstuma.

Enquanto discorria no papel branco, muitas memórias das quais eu quase havia esquecido vieram à tona. Foi como um borbulhar de histórias, todas verídicas e, de certa forma, autobiográficas.

Escrevi sobre um episódio muito marcante em minha infância, não somente para mim, mas para todos aqueles que me conheciam na época. Pois bem, quando eu ainda tinha os meus 10 anos de idade, lembro-me de, pela primeira vez, ter visto aquela árvore tão diferente das outras, excêntrica. O que mais chamou a minha atenção foi a cor do solo, ou melhor, a cor que recobria o solo. Era de um lilás vibrante, que puxava os olhos de uma maneira impressionante. Eu, uma criança, senti-me logo atraída pela cor. Ao me aproximar, notei que era da flor da árvore, que acabava caindo e colorindo o chão.

No entanto, o que eu mais gostei do jambeiro foi o fruto. Aquele jambeiro produzia com fartura, a quantidade de jambo que a vizinhança recolhia era enorme, e ainda assim sobravam muitos nos galhos. Estes acabavam caindo e ficando por ali mesmo, até que apodrecessem e sumissem pela decomposição natural. Quem se aproximava do condomínio podia sentir, desde longe, o cheiro do jambo.

Como havia dito, costumava passar minhas férias em minha tia, que já morava aqui. Ela era muito ocupada, cuidava sozinha da casa e tinha muitos afazeres, então eu ficava sozinha a correr. Mas eu acabei me fixando pelo jambeiro, aproveitava a quantidade de jambo para brincar de “comidinha”, passava toda a tarde “cozinhando” embaixo da árvore. Ali eu acabava comendo todo o jambo que tinha direito, até mais. Quando eu descobri que as flores também eram gostosas, passei a comer as que caíam no chão, assim como os frutos.

Aconteceu que, no final de uma dessas tardes, voltei para casa reclamando de dor no estômago. Minha tia logo me disse que era o resultado de ter comido muito jambo, mas que passaria. Não passou. No dia seguinte, quando acordei, não conseguia mexer as pernas, fiquei tão desesperada que comecei a gritar, até que minha tia me socorresse. Ela ficou preocupada e ligou para um médico domiciliar.

Um resumo: ficamos sabendo que eu estava com uma infecção intestinal causada por uma bactéria forte. O médico creditou ao jambo apodrecido, e disse que eu evitasse a fruta. Passou remédios e instruções, depois foi embora. No entanto, a família ficava preocupada, pois não havia sinais de melhora. Pelo contrário, o meu quadro piorou. Fui internada, já com uma espécie de paralisia, quase não sobrevivo. Enfim, alguns meses depois já estava bem.

Ao colocar essa história no papel, fiquei a pensar na importância de certos objetos e lugares na nossa experiência de vida, e o quanto somos julgados por parecermos loucos quando defendemos a sua permanência, ou a sua preservação. Sem problemas, farei um abaixo assinado contra essa síndica, que não nos consultou ao tomar decisões tão relevantes quanto essa. Talvez ela não saiba, mas não cortou apenas um jambeiro, acabou cortando parte de minha vida. Ela me paga...